

# NA GARGANTA UM SERTÃO ENJAULADO



**MARCELLO SILVA**



**Carlos Massa Ratinho Junior**

Governador do Estado do Paraná

**João Evaristo Debiasi**

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

**Luciana Casagrande Pereira**

Superintendente-geral da Cultura

**Luiz Felipe Leprevost**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital

**Omar Godoy**

Equipe do Selo Biblioteca Paraná

**Hiago Rizzi, Isabella Serena e Luiz Felipe Cunha**

Jurados

**Cristiano de Sales e Luísa Cristina dos Santos Fontes**

Revisão e preparação editorial **João Lucas Dusi**

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Ctrl S Comunicação**

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Silva, Marcello

Na garganta um sertão enjaulado [livro eletrônico]/ Marcello

Silva. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2021.

58 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital - Categoria poesia"

ISBN 978-65-89223-14-6 (e-book)

PDF

1. Poesia brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD ( 22ª ed.)

B869.1

# **NA GARGANTA UM SERTÃO ENJAULADO**

**MARCELLO SILVA**

# SUMÁRIO

5 GÊNESE

6 ÊXODO

54 APOCALIPSE

---

# Gênese

há um sertão em mim  
que canta e sangra

antes do verbo era a poeira o frio no banho de cacimba  
tamanho o calor e o criador fez descer o rio  
alegre vadiando entre os mandacarus e deus viu e  
[gostou e fez os piaus tilápias carás bodós  
e depois por descuido criou o homem-mulher

[menino-homem

depois de maio o rio parou e empoçou água  
no poço grande perto das pedras  
que poção d'água pai-d'égua  
e ali cresceu homem-mulher menino-homem  
e veio outros de outras ilhas desse mar-sertão  
fundiram-se no barro e imburana e brotaram mais e  
[mais como mata-pasto em cada  
inverno

fez-se o éden nas ateiras e jatobás e cantos de xexéus  
[sabiás

---

# Êxodo

I

depois do útero  
por onde andaram  
foram clandestinos nesse sertão de meu deus  
indo por tantas veredas vazias  
pedras espinhos cactos  
indo... indo... indo arredios  
suçuaranas jaguatiricas carcarás

feito raimundo o boiadeiro sem casta  
que não deixou rastro nem filho e não  
foi filho de ninguém só trabalhou de graça  
nas fazendas e fazendas por um prato de comida  
e na cova rasa seu nome não foi escrito na cruz de aroeira  
se foi... foi... foi...  
sem nome foi para o vazio dos pastos secos foi

## II

o sol quente de meio-dia é reflexo de tantos sonhos e  
[vazios  
que somos  
a poeira a estrada o vento de agosto dançando xote no  
[pé de imburana  
indo e vindo trasladando dizeres secretos das  
[rezadeiras e benzedeadas  
pinhão-roxo quebrando energias tinosas  
amém meu filho e que deus te acompanhe pelas sete  
[encruzilhadas desse sertão  
amém amém amém meu filho

talvez o fantasma que sempre fomos  
à espreita nos espera  
nos cruzamentos de caminhos  
e ao imitar ao assovio dos vagantes noturnos  
amaldiçoamos nossa jornada por entre esses  
[carneubais  
gritador grita a dor grita dor dor dor do pesado  
[infortúnio às costas espinhela caída

### III

o sertão é grito na madrugada  
onde adormecem os fantásticos homens e mulheres de  
[barro e osso  
xícara de café e sorriso sem dente  
um tamborete de couro cru  
*você quer água, meu filho?*  
*um café?*  
*desapeia*  
*desjejum está no jirau*  
e tudo é mar de afeto que vaza dos olhos  
tristes e cansados dos homens sem porquês  
e das mulheres que sangram saudades.

#### IV

o rio passa ali  
o rio ubatuba é cria da serra  
todo ano a montanha pare a cobra-d'água  
depois de são sebastião  
ela desce serpenteando entre pedras e carnaubais  
e leva leva leva alegria ao homem seco e sem lágrimas.  
um ano ela demorou descer  
chegou fevereiro março e vó preta chorou  
na plantação seca feijão milho mandioca  
*o que vamos comer?*  
vó preta trabalha na roça desde os cinco anos de idade  
[nunca gostou de casa cuidar  
em dois mil e nove o ubatuba jorrou lama pelas  
[ribanceiras  
levou tudo correnteza  
desabrigou o homem molhado  
levou quintais e galinhas  
choveu choveu choveu  
até levou capela e nunca mais ninguém quis roubou são  
[josé  
o rio não cansa como a reza das marias enfeitadas de  
[brancos em maio  
mariano mês de aves marias

*a treze de maio na cova da iria  
no céu aparece a virgem maria  
ave ave ave maria  
ave ave ave maria*

lembro de maio e a reza em cada casa  
o terço decorado e as velas brancas esvaindo-se  
vez e outra eu dormia nos mistérios dolorosos  
flagelação de cristo

outubro maria veste marrom promessa a são francisco  
[de canindé  
há de ter fé homem de pouca letra e muito sol na cabeça  
chama chico rita para tirar essa quentura com reza  
[silenciosa  
que só ele sabe e aprendeu de sua mãe maria maria  
[maria talvez por que não seria maria?

V

há um sertão em mim  
que canta e sangra

*lá se vem a lua saindo  
de trás da nuvem escura  
meu cavalo está selado  
e minha noiva está segura*

mandacarus na estrada veredas de homens e bois  
[vaqueiros de terno de couro cru  
gibão é armadura do cavaleiro sertanejo  
seu cavalo pégaso de prata encantado na mata de  
[marmeleiro quebra cipó mofumbo no  
peito de aço  
sangra deveras o homem a besta fera e o chocalho na  
[mão é troféu que fala na caatinga  
serrote lama poeira  
quando infortúnio a lança do tempo transpassa a couraça  
o homem vira asa branca bate asa do sertão  
são pedro percebe um aboio cantar diferente por  
[aqueles pastos vistosos de janeiro  
e o vaqueiro vai ser lembrança adaga alada  
dos carnaubais e confins desse sertão-mar mar-sertão  
[tão tão sem dizeres.

*sacudido numa cova  
desprezado do senhor  
só lembrado do cachorro  
que inda chora a sua dor*

## VI

antônio santil foi clandestino por tantas terras secas e  
[cercadas de arames farpados  
com bússola no peito vento é voz de deus  
seguiu por tantos nós entre nós desamarrando cancelas  
carcarás arredios  
andorinhas no arrebol  
mil milhares de antônios marias josés sem uma casa  
[de taipa  
vagando na soalheira da tarde por uma cabaça d'água  
[rapadura tapioca  
tanto chão à vista e sem chão para plantar um grão  
arames farpados no bigode do homem dono de  
[milhares de hectares de terras que o  
devorarão no cemitério em sete palmo e chão  
prece oração  
o sol chuva  
deus é sertão  
depois do primeiro sereno  
o cuscuz de milho moinho peneira o pão é caro  
um quilo de suor  
na face triste do olhar vazio do homem-fera  
a rendeira traça o fio canta  
e conta a história  
de maria, mãe de maria e filha de maria  
tantas marés ilhas andarilhas por estes fins...

## VII

há um sertão em mim  
que canta e sangra

via láctea entre o cajueiro e a caipora que passa a noite  
[assoviando  
levando levando e indo com seus animais para dá água  
[no rio ubatuba  
e o caçador cansado de tanto apanhar lhe dá um naco  
[de fumo deixado no tronco de  
imbu

ela menina encantada das matas assovia e arre pia até  
[os pelos dos lobisomens ou  
lobismulheres que vagueiam nas galáxias próximas  
[deveras

monótona noite ao som das lamparinas e grilos o vento  
[bulinando a palha das  
carnebeiras  
nas mãos de marias barulho do rosário insiste  
o copo no pote de barro tibus! tibus! tibus!  
o rasga-mortalha insiste em agourar  
a prece resiste silenciosa nos lábios ressequidos em  
[nome do pai filho espírito santo  
amém! amém! amém!  
um cão olha a vereda  
ladra late late late late late...  
comunica seu medo  
alerta alarde  
nos olhos escapa a alma  
caiporas? lobisomens?  
vagantes de outras paragens deveras

vastidão vazio e o som da seriema arranha o dia  
o espinho de imburana na testa sangra  
e aponta ao norte  
por onde não iremos  
o vento faz curva nos oitizeiros  
assovia açoita a pedra  
e tudo é paz entre os dedos.

## VIII

zé preto vaqueiro das instâncias e distâncias de terras  
[além  
era raquítico um metro e meio de bravura  
domava gado e fumava cigarro na palha de milho  
casou com birica quinze anos mais nova e teve  
[dezessete filhos  
birica com quinze anos casou com zé e ficou viúva aos  
[sessenta  
cincos filhos morreram antes dos três anos de  
[desnutrição infecção e anjinho andré  
comeu soda cáustica de fazer sabão  
as cruces de aroeira debaixo do cajueiral são as últimas  
[lembranças pássaros que voa  
voa  
rasante na tarde de chuva toda vez que birica chorava

IX

é vendaval e vó jogava água benta no terreiro  
*aqui tem maria! aqui tem maria! aqui tem maria!*  
sempre teve e sempre terá uma maria mãe filha avó  
[neta bisneta até o fim de tudo  
ser maria é ser o próprio sertão é como ser caatinga  
[chuva mormaço canto da mãe-da-  
lua

X

de onde vem tanta gente igual?  
face triste amarrotada de dia a dia poeira pó de milho  
dando bom dia levando cabaça d'água rudia na cabeça?  
*quem não pode com o pote não pega na rudia* já dizia vó  
[maria  
qual a sua tribo rainha ou rei de além-oceano? qual seu  
[clã, milorde?

nestas matas de *kerodon rupestris*?  
o sal some às vísceras  
o rei-homem cai  
sem sonho  
e com saudade do que foi  
andara por muitos pés alpargatas  
sem rastro ou rosto  
a luz do farol foi o último santo  
que rezou sem remorsos  
oxóssi oxóssi oxóssi  
guerreiro de foice e enxadas em punhos  
canta no roçado

*luanda, luanda, onde estou?*  
*luanda, luanda, aonde estás?*  
*luanda, luanda, onde estou?*  
*luanda, luanda, aonde estás?*

## XI

há um sertão em mim  
que canta e sangra

no poço grande no ubatuba  
morou mãe-d'água de cabelo crespo e pele escura como  
[as noites sem luar  
a mulher-peixe cantava e encantou João Nestor  
que pulou no poço e não voltou ainda  
o poço grande perto das pedras tão grande nunca seca  
diziam que lá embaixo tinha o castelo da mulher-peixe  
e quando ela zangava não tinha peixe pra ninguém  
ninguém nem mesmo João Nestor

## XII

zé miguel foi tocador de zabumba  
tocou tocou tocou  
por festas por este sertão  
ele banhava sempre no mesmo local no ubatuba  
quando zé miguel virou estrela as águas começaram a  
[tocar zabumba  
na cheia do rio águas batem nas pedras com tanta  
[veemência que os passantes afirmam  
que é zé miguel fazendo a festa

### XIII

o luar no sertão é um véu que cobre o mato de magia  
tudo ali é infinito e além do visível  
mãe-d'água lobisomens caiporas  
vem e vão pelas veredas e rincões  
nessa eternidade sertaneja arrastando sons e silêncios  
caburé canta no pau-d'arco seco  
e um frio congela alma e anuncia o medo

## XIV

sete sertões andamos por séculos  
de peito aberto e punhais na alma  
exilados  
aclamados  
expurgados *ipso facto*  
por coronéis visagens deveras  
e de tanto andar andarilhos clandestinos  
por estas terras ressequidas paramos para beber no  
[poço grande na pedra grande à beira  
do ubatuba  
o rio ri das pedras e do homem serpenteia na ribanceira  
beija os pés das marias que acariciam seus cachos d'água  
e fica permanece na dança entre natureza e  
[ homem-mulher como fios da mesma teia  
ubatubaaaa! ubatubaaa! ubatubaaa!  
o sino soa  
na torre da tamarineira  
há um ser-tão-rio que vaza dentro da gente  
que escorre pelos olhos no peito enfuna  
alça voo e vai além da gente ou da coisa que somos

## XV

manoel vitória nasceu mudo e surdo ele falava com  
[gestos e ouvia com os olhos  
e quis ser vaqueiro como pai zé preto domar gado e  
[solidões  
seu aboio diferenciado ecoava no sertão ao nascer do sol  
as rês respondiam em harmonia prontamente  
e o mudo colocava ouvido no chão e sentiu o chocalhar  
era rito das manhãs o leite mugido  
vaca zeburina chifre-quebrado não gostavam do mudo  
ele trotava na captura em seu pangaré alado  
perneira gibão chapéu peitoral botas bernal  
era deus daquelas veredas

## XVI

depois do útero-áfrica-eurásia  
por onde andamos  
somos clandestinos  
sem rima  
sem mar  
sem porquês  
indo entre tantos joãos josés antônios  
vindo de muitas marias da conceição florinda da paz  
esse gene dna que nos move sobre as pedras  
e regenera o corte na pele o espinho na alma  
somos andarilhos entre gente tão igual  
reflexo espelho dupla face  
quem somos  
nesses trilhos encardidos  
que o tempo traçou  
nas nossas veias?

XVII

há um sertão em mim  
que canta e sangra

antônio xicara nunca começou brocar sua roça em  
[agosto

*mês do desgosto* dizia ele  
ninguém casava mudava de casa  
nada quase  
só a ventania valsando poeira  
no pé de oiticica e doca que buscava água na cacimba  
[do rio

ela resmungava cantigas que aprendeu com sua vó chica  
ninguém nunca entendeu nada  
as cacimbas permaneciam ali  
saciando sede enchendo cabaça  
fila de mulheres descabeladas  
desjejuns e sede  
às cinco horas da manhã  
na barra do dia horizontalina  
água brotava límpida e devagar como ampulheta que  
[conta o tempo interiorano

enquanto se fuxicava sobre a vida alheia  
*tu ficou sabendo?*  
*sabendo ficou tu?*

## XVIII

por aquelas ribeiras do ubatuba

quase todo mundo nasceu pelas mãos de vó murici

mãos ágeis e voz fina acalantava a dor das

[meninas-mãe-mulher e o rebento logo vinha  
rompendo em choro a escuridão de março chuvoso  
não sabia nadar mas atravessava rio segurando

[cumbuca na cheia grande  
quando vinha lhe pedir ajuda

*corre vó murici que antônia está sofrendo*

ela rezava rezava rezava

ela morreu rezando um dia aos noventa anos sozinha

## XIX

o rio dialogava com as marias aos sábados  
lavadeiras em procissão  
prece sabão enxágue  
diziam que o peixe-bico-doce vinha espiar as lavadeiras  
pelas frestas das pedras  
e elas os pescavam em jiquis  
piabas pias camarões cangatis  
o almoço da menina com feijão gordura de porco e  
[farinha de puba

XX

lamparinas eram testemunhas  
dos causos contados por zé adonias muleiro que vinha  
[da serra carregado de rapadura  
ancoretas cachaça e estórias  
no alpendre de antônio xicara as cargas apeadas  
mulas pastando e zé adonias descrevia lobisomens e  
[fantasmas avistados nas  
encruzilhas  
onças vorazes famintas  
na cinta uma faca-peixeira tilintava  
ceifavam feras assassinas ou invisíveis mandacarus  
o vento na carnaubeira assusta as fracas luzes das  
[candeias  
mãe-da-lua ecoa na mata despertando sono na noite  
escura e lânguida

há algo que nasce no âmago da madrugada  
que só os cães sabem  
quando cessam os lampiões e o balançar das redes

invisível invisível invisível

deus vem vez e outra descansar ao sétimo dia  
debaixo da mangueira  
comer caju rapadura farinha de puba  
gênese e deus viu que era bom

## XXI

zé preto plantou cajueiros no quintal  
e deu-lhes nomes sobrenomes e almas  
quando zé morreu as folhas choraram  
e hoje quando o vento sopra no cajueiral pela manhã  
dizem que zé preto acariciando a plantação

## XXII

tantas cruzes solitárias nos quintais estradas  
maria choros e orações  
não deu tempo batizar  
e os anjinhos são enterrados em cova rasa  
sarampo desnutrição cólera diarreia  
de cada três que brotaram um se encantou e virou  
[pássaro invisível antes dos cinco  
invernos.

XXIII

latifúndio latifúndio... terra-mar a perder-se de vista  
latifundiário-diária-diário-diária...  
dia a dia vai consumindo os músculos de raimundos  
[franciscos  
minifúndio mini-homem encabrestado  
antonio santil meeiro um quinto do que produzia era  
[do patrão  
braços fortes deitava as catingueiras e catanducas na  
[foice  
aceiro varria domava o fogo na limpa  
solo pronto cerca de madeira costurada a braço  
tudo pronto chover esperar  
chegar janeiro e plantar esperança  
arroz feijão mandioca milho  
melão melancia pepino gergelim  
cabaça cana e ainda se sobrar espaço  
planta-se um sonho de menino que espia da porteira o  
[movimento de homens e chapéus

XXIV

há um sertão em mim  
que canta e sangra

baleia graciliana tão comum por aqui  
é componente familiar é faltar alguém  
cadela boa de caça todo sertanejo precisa  
pega tatu tejo-açu teiú mambira  
e espanta lobisomens nas madrugadas  
vó preta contava que certa noite o lobo-homem comeu

[todos os filhotes de sua cadela-

baleia

ela até disparou sua lazarina mas nada

baleia passou uma semana chorando ao pé da cerca

XXV

*esse sertão já foi mar*

dizia birica gesticulando as asas com uma sabedoria

[celestial

*essa torre da igreja será morada de baleia*

toda vez que o sino toca no alto da torre lembro de birica

*vieram sobre a terra as águas do dilúvio.*

*quarenta dias e quarenta noites.*

*tudo o que tinha fôlego de espírito de vida em suas*

[narinas morreu.

em cinquenta e oito não choveu relâmpagos no nascente

não desaguou nuvem alguma nas cabeceiras do ubatuba

morreu plantação cabras galinhas

secaram cacimbas cacimbões e esperança homens

[mulheres crianças

retirantes retira antes de morrer de fome

frente de trabalho os homens abriram estrada no braço

enquanto as marias faziam as comidas e acalentavam

[a fome dos pequenos

doca tinha cinco anos desnutrida não andava

transportavam-na em rede e perguntavam aos retirantes

*essa aí morreu?*

e doca mexia os braços

*eu perguntei a deus do céu uai*  
*“Por que tamanha judiação?”*

XXVI

noite negra negra noite  
quantos infinitos neste breu sem nome  
os acordes da viola sete cordas moedas no chapéu  
repente cantoria poetas do improviso  
versos rimas enredo  
os pássaros cantadores da serra  
lucas evangelista & luzia dias

*quando o amor surgiu em meu peito  
foi com tanto efeito e não pude evitar  
uma linda jovem cruzou meu caminho  
com tanto carinho que jurei lhe amar*

*eu só jurei porque não sabia  
que no mundo havia tanta ingratidão  
se eu soubesse não tinha jurado  
e nem maltratado meu coração*

## XXVII

deus é poeta da roça  
que bebe água de cacimba e faz poesia do homem-fera  
que corre pés descalços na chuva ribanceira do ubatuba  
é garça a gralha e o sabiá nas guabirabeiras  
o canto do urutau o bacurau que anuncia o sol de amanhã  
dialoga com as jaguatiricas come juá na estiagem  
o andarilho de matulão é deus  
deus é sertão ser tão tão ser infindo  
como a tarde explodindo as cores do arco-íris

## XXVIII

birica queria ver deus em vida  
em sonho talvez rezava rezava  
e pedia  
rosário pedras gastas digitais chagas  
e rezava rezava até dormir e sonhar que rezava  
dias de finado ela madrugava no cemitério  
velas fósforos pai-nosso ave-marias rezava os que  
[partiram  
no restante do ano rezava pelos vivos  
quando birica morreu houve um silêncio  
as folhas do quintal se alvoroçaram  
ela o viu e foi foi foi ser asa branca além do horizonte.

## XXIX

eu nasci menino  
ou talvez carcará que vigia o pasto  
nambu saracura-do-mato na rematagem do rio  
e tudo é dna gene que gira  
à noite eu sonhava que voava sobre os pau-d'arco  
e tinha aquele sertão noturno sob os pés  
já ouvi o assoviar da caipora  
sugando meus sentidos o cheiro de enxofre do lobisomem  
a pele em brasa o rasga-mortalha  
até o raiar do dia tucum casa de taipa  
voltava a nascer menino

XXX

quando a acauã cantava no quintal  
doca se benzia e emborcava as alpargatas em cruz na  
[porta da cozinha  
e rezava baixinho para afastar mau agouro

*acauã, acauã,  
teu canto é penoso e faz medo  
te cala, acauã*

há um sertão em mim  
que canta e sangra

joão-de-barro constrói seu ninho casa  
barro taipa e joão é primo de pedro o santo  
fuxica segredos celestiais  
*não terá chuva do nascente este ano*  
e joão-de-barro faz entrada do ninho para o leste

há um diálogo um dialeto  
que só o sertão entende  
exceto o homem  
conversam cochicham os beija-flores  
e os sabiás com as suçuaranas  
será do tempo em que os animais falavam?  
assim contava antônio birá  
que antes do homem ser moldado à beira do ubatuba  
[os animais eram faladores  
jabuti juiz  
mambira padre  
cachorro cantor...  
e veio homem e tudo acabou  
cercou delimitou fez fronteira  
inventou o fogo descobriu metais  
inventou papel-moeda  
e tudo acabou

a barra do dia  
explosão de cores e sons  
anuncia um novo mundo todo amanhecer  
o cheiro de terra rastro de lobisomens  
no caminho da roça  
café cuscuz e os galos e quintais e outros galos e  
[cantares e quintais  
na pedra de amolar  
foices enxadas  
cabaça d'água  
corruições e galos-campinas  
sentenciam o nascer do dia sol e orvalho  
dia dia dia  
lenha fomalha trempe  
café e sintonia  
tapioca manteiga-da-terra  
e pica-paus nas ateiras bocejando as abelhas e palhas  
[de carnaúba  
e tudo é paz

XXXI

quando birica morreu os galos não cantaram  
e desde então nunca mais  
perdeu o sentido o vazio da madrugada  
companheira insone da anciã  
mãe-da-lua cantar triste de tantas solidões

[compartilhadas

nunca mais nunca mais  
rádio de pilha descarregado  
bengala no banco do pote  
moldura vazio do retrato do tempo  
amarelado na parede em casa de aranha  
há um crocitar triste do rasga-mortalha no telhado de  
[palha

em nome da mãe filha espírita santa  
amém! amém! amém!

o mesmo vazio da criação em gênesis  
*e deus chamou à luz dia e às trevas chamou noite  
e foi a tarde e a manhã o dia primeiro*

XXXII

a noite inteira dança  
poeira no terreiro lampiões lamparinas  
moços e enfeites matracas na mão

*é boi é boi morena é boi  
é boi que sabe vadiar  
tenho fé nos meus vaqueiros  
que trouxeram meu boi pra cá*

e maria ri sem dente ri ri ri  
encenação bumba meu boi  
fileiras de homens enfeitados  
cantando toadas versos repente  
a rocandeira imita mugido  
o boi de pano e talo de carnaúba  
boi estrelinha desse lugar  
espírito das matas encantadas  
na toadas do amo

*chegou chegou chegou  
chegou torna chegar  
se quiser que eu brinco eu brinco  
se não quiser eu volto já senhora  
dona da casa  
põe azeite na cadeia*

*que a barra do meu boi é branca  
e não pode encostar na areia*

*catirina nego chico amor danoso  
quer língua de boi afamado  
traição morte amor morte amor*

*por que fez isto, chico?  
foi minha mulher meu amo que me obrigou*

*pajés doutores da mata  
ressureição  
e boi levanta gira ginga  
poeira terreiro poeira*

*urrou meu boi  
terra fria estremeceu te  
levanta, boi de fama  
tu caiu mas não morreu*

na apresentação do boi estrelinha  
o vaqueiro manoel mudo era cazumbá espírito dos rios  
punha uma máscara de papelão chicote e uma  
[lâmparina cumbuca na cabeça  
mudo fica atento protegendo catirina das bulinações  
[alheias  
catirina serelepe dança ginga  
um dia a lâmparina derramou fogo na cabeça de mudo  
ele berrou e saiu gesticulando  
nunca mais queria ser cazumbá  
na noite seguinte estava ele com cumbuca na cabeça  
[enfaixada.

*quando eu digo que lá vai boi  
lá vai boi rapaziada  
é sereno da meia-noite  
é sereno da madrugada*

XXXIII

há um sertão em mim  
que canta e sangra

ubaldo foi poeta  
que nunca aprendeu ler palavras  
lia noite a chuva os amanheceres  
tinha uma mania de perde-se entre os carnaubais  
nasceu doente e andou depois dos cinco  
vó murici parteira deu-lhe cinco dias  
*esse não vinga*  
ele viveu cinco décadas  
poetizou repente cordel  
foi poeta poeta poeta  
que palavrão na roça ser poeta.  
quando cansou das metáforas  
foi ser rio... peixe encantado  
sempre disseram que ubaldo não era deste mundo

XXXIV

joão da luz ou joão sem nome  
seu corpo sem vida no beijar do ubatuba com a maré  
foi encontrado por caçadores  
do lado uma cabaça vazia um cajado  
morreu perdido e sede?  
ninguém sabe quem era ou de onde vinha  
nunca se soube  
morreu sem nome  
sem pedidos ou gritos  
joão da luz  
hoje não falta água no seu túmulo ou prece dos  
[pagadores de promessas

XXXV

finado cesário é uma cruz fria numa furna de pedras  
menino de sonhos corria pelos pastos  
crueldade humana transvestindo homens maus  
reinou no silêncio do sertão dos coronéis  
que não ouvia a dor do menino  
chorou sangrou chorou sangrou  
até desfazer-se na negritude das cavernas  
cesário luis dos santos tinha dezessete anos  
foi acusado de crime não cometido  
engravidado filha de coronel  
amarrado em burros bravios arrastado  
chorou sangrou chorou sangrou  
mutilado esquartejado jogado  
enquanto seus carrascos sorriam e brindavam  
cesário pássaro encantado na lagoa do carnaubal  
reza preces orações e romarias  
graças e bênçãos santo do sertão  
vó birica sempre rezava um terço pra cesário

XXXVI

teresa tinha fé  
tantos deuses e santos nossa senhora de lourdes padre  
[cíceros romão  
escondia são josé para voltar a chover  
deixava santo antônio de ponta-cabeça pra casar  
um dia comprou do muleiro zé adonias imagem do  
[caboclinho da mata  
pároco não aprovou  
*não é coisa da igreja, não, irmã*  
e teresa escondeu a imagem numa casinha no quintal  
toda quinta-feira às madrugadas  
teresa acendia vela escondida ao caboclinho da mata  
nunca havia lhe negado um pedido o curumim

*caboclinho da mata virgem  
é filho da jurema e hoje vem nesse gongá  
mas um dia o caboclinho se perdeu da sua mãe  
pois ainda um curumim caboclinho foi caçar*

XXXVII

há um sertão em mim  
que canta e sangra

arame farpado separa terras homens e sonhos  
gosto das cancelas e passadores  
por onde passam as marias com cabaça d'água  
joãos com saca de feijão maduro milho  
passam visagens caiporas lobisomens  
o passador da birica o passador da birica  
substantivo próprio concreto  
ligava um cercado a outro  
ponte de madeira moldurando o arame  
todo menino queria crescer e subir lá  
no passador da birica ir além ir além  
era como um rito de passagem

## XXXVIII

manoel redondo era carrancudo corcunda  
quasimodo sertanejo  
e não encarava os olhos humanos quase não falava  
logo disseram que era lobisomem  
em lua cheia viajava sete cidade antes do amanhecer

o redondo não tinha família por ali  
vivia de bico nas fazendas  
e noite de lua cheia dormia na casa de farinha  
todos supunham que era ele o bicho-homem  
os curumins tinham certeza  
e corriam de medo de redondo  
bicho-papão coisa ruim  
*te comporta senão chamo o redondo*  
e assim redondo foi eternizado  
o lobisomem por aquelas bandas do rio ubatuba

manoel redondo um dia cansou daquilo tudo  
arrumou suas coisas e fez matulão cabaça d'água  
pegou a estrada passos lentos contínuos  
e sumiu na curva para nunca mais voltar  
por aquelas paragens  
e nunca mais se ouviu falar dele  
mas as madrugadas de lua cheia continuaram

[assustadoras

XXXIX

chico dondon andarilho  
chegava dialogando coisa desconexa  
a pé bicicleta ou a cavalo  
pedia café água e falava sobre silêncios  
trazia três relógios em cada braço  
ele não era do seu tempo  
tocava gaita viola onde chegava ou por onde ia  
diziam que chico dondon ficou assim de tanto estudar  
*comeu tanto livro que endoidou* dizia vó preta  
e ela sempre me olhava com alerta  
quando me via com livros nas mãos

um dia espancaram dondon  
sem motivos ou razão  
seus familiares nunca mais o deixaram sair  
o sertão já não merecia a bondade de chico dondon

XL

cazuza vesgo sempre andava como se olhasse de lado  
comprava vendia trocava  
bicicleta cavalo jumento rádio lanterna  
sempre a pé devagar  
cabeça na transversal como se tentasse escutar o  
[horizonte  
de longe se ouvia cazuza conversando com os bem-te-vis  
por vez sumia e depois reaparecia por aquelas bandas  
ficava tardes inteiras conversando com vó santil  
tomavam café mascavam fumo  
e faziam negócios aleatórios e irrisórios  
um dia ele saiu pela última vez  
não lembro quando

---

# Apocalipse

I

há um sertão em mim  
que canta e sangra

ser parte metamorfose  
ser seca chuva dualidade  
todo sertanejo é antes de tudo sertanejo  
face esquia corte na testa  
sangue no braço cansaço na perna  
e ao findar um sorriso explode  
tão verdade que deus mora ali  
entre os dentes falhos e nacos de rapaduras

ser rio ser pedra ser mormaço  
ser poeira ser estrada de terra batida  
quando pia a coruja canta a acauã  
as primeiras águas descendo no ubatuba  
serpenteando entre as pedras  
é ser sertão  
rompendo fronteiras além-mar

## II

encruzilhada alma penada  
corpo fechado pode passar  
que as espinhela caída  
chico rita vai rezar  
sol na cabeça água borbulha  
rosário prece promessa a padre cícerô  
há de crer há de crer  
há de curar  
menino vaqueiro caboclinho da mata  
minha rês na caatinga vão encontrar  
em cada palmo de terra o rastro ancestral  
tantas marias andarilhas joãos zés ao caminho da roça  
quanto sague derramado  
apagado pela chuva?  
quantos pés descalços tatuaram os espinhos dos  
[mandacarus?  
a sutileza da flor dos pau-d'arcos em junho

### III

aprendi mais a ver deus na caatinga  
do que na paróquia de são pedro  
no voo rasante da asa branca ao fim da tarde  
ou quando as cigarras orquestravam o som do meio-dia  
o traçar do beija-flor construindo ninho  
entendi que deus só podia ser ali e nada mais

#### IV

há um sertão andarilho vazando pelos poros  
que ruge no silêncio dos redemoinhos  
e na quentura saliva por sonhos  
uma fera de sete vidas  
cravando nos mandacarus  
a visagem alada dos carnaubais  
há um ser'tão aqui  
que canta e sangra  
enjaulado na garganta



vencedor.  
na categoria  
POESIA

